



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TAINARA CLECIANE DA SILVA

**NARRATIVAS DE MEMÓRIA SOBRE EDUCAÇÃO ESCOLAR E
DESCOLONIALIDADE NA MATA SUL PERNAMBUCANA: o caso da comunidade
quilombola dos Timóteos**

CARUARU

2023

TAINARA CLECIANE DA SILVA

**NARRATIVAS DE MEMÓRIA SOBRE EDUCAÇÃO ESCOLAR E
DESCOLONIALIDADE NA MATA SUL PERNAMBUCANA: o caso da comunidade
quilombola dos Timóteos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Pedagogia do
Campus Agreste da Universidade Federal de
Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo
científico, como requisito parcial para a
obtenção do grau de bacharel/licenciado em
Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientador(a): Prof^a. Jaqueline Barbosa da Silva

CARUARU

2023

Narrativas de memória sobre educação escolar e descolonialidade na mata sul pernambucana: o caso da comunidade quilombola dos Timóteos

Tainara Cleciane da Silva¹

Resumo:

Este artigo busca compreender as narrativas de memória sobre educação escolar e descolonialidade na mata sul pernambucana. A pesquisa se inscreve na abordagem qualitativa, com enfoque no estudo de caso à luz das narrativas quilombolas sobre a educação escolar e descolonialidade. A educação escolar quilombola alia-se às narrativas (auto) biográficas num movimento reflexivo e de compartilhamento de histórias e práticas voltadas para a educação escolar quilombola. Como instrumentos para coleta das informações, nos utilizamos da produção audiovisual e entrevista narrativa. Os resultados revelam que a comunidade quilombola dos Timóteos vislumbra um fazer educativo alicerçado no saber ancestral, desvelando uma identidade em política que suscita num movimento de desobediência política e epistêmica.

Palavras-chave: Educação Escolar Quilombola; Narrativas (Auto) Biográficas; Descolonialidade.

Abstract:

This article seeks to understand the memory narratives about school education and decoloniality in the southern region of Pernambuco. The research is part of the qualitative perspective, focusing on the case study in the light of quilombola narratives about school education and decoloniality. Quilombola school education combines with (auto) biographical narratives in a reflective movement and sharing of stories and practices focused on quilombola school education. As tools to collect information, we used audiovisual production and narrative interviews. The results reveal that the quilombola community of Timóteos glimpses an educational practice based on ancestral knowledge, revealing an identity in politics that arises in a movement of political and epistemic disobedience.

Key-words: Quilombola School Education; (Auto) Biographical Narratives; Decoloniality.

DATA DE APROVAÇÃO: 04 de maio de 2023.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste (UFPE/CAA). E-mail: tainara.silva@ufpe.br

Introdução

Os negros chegaram ao Brasil com a perspectiva de servir ao país como escravos, sem data de devolução de título, permeando pela história brasileira até os dias atuais. Estes foram e são indispensáveis na construção de memórias de nossa nação, abarcando créditos impagáveis, ou seja, a dívida que nunca foi paga, trazendo a necessidade de reconhecer que este povo é um dos responsáveis pelas belezas culturais brasileiras e, também, pela história que os mesmos desenvolveram. Sendo necessário dar ênfase na educação do País mediante a importância destes, os quais ainda têm um espaço minúsculo no currículo adotado pelas instituições de ensino, valorizando principalmente as escolas quilombolas e que nelas retratem a sua própria cultura e se reconheçam como tal.

Nesta perspectiva, reconhecer a identidade e a função da educação escolar específica para as comunidades quilombolas revela indícios da superação da negação de direitos sociais. Nesta conjuntura, as políticas públicas almejam a função dos direitos do povo negro, especificamente quando se institui, conforme Brasil (2012, p. 5) uma “Educação Escolar Quilombola que rege-se nas suas práticas e ações político-pedagógicas através dos princípios do direito à igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade”.

A legislação voltada para atender à especificidade da garantia dos direitos desses povos, partindo do reconhecimento dos mesmos como quilombolas, visa valorizar uma história de memórias, garantindo a continuidade de suas existências. Assim, como tiveram que se adaptar à cultura brasileira, os quilombolas, por sua vez, sofreram com os mandos do patriarcado, constituindo territórios demarcados por heranças culturais, sendo eles mesmos suas vozes e moradia. A reafirmação da diversidade cultural demonstra vigor sobre os combates vividos por estes povos, tornando-se um marco histórico, requerendo a devida valorização advinda da sua resistência.

O ser quilombola é uma chamada emergente na contemporaneidade, a exemplo dos dados revelados pela Fundação Cultural de Palmares², reconhecendo 3.502 comunidades como remanescentes de quilombos, porém apenas 2.840 são certificadas, até 22 de agosto de 2022, onde foi feito o último levantamento.

Embora, muitos quilombos não reconheçam sua identidade, resquícios de uma trajetória de aniquilação da mesma, é notável a presença da cultura quilombola na nação brasileira e a

² Instituição voltada para promoção e preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira.

contribuição disponibilizada para a educação escolar do País, atendendo a dimensão plurinacional da formação e direitos humanos.

A escassez de fontes documentais sobre a memória educativa das comunidades quilombolas pernambucanas, bem como o discurso invisibilizador advindo dos gestores escolares em referência ao atendimento às comunidades quilombolas (ponto de partida: a comunidade quilombola dos Timóteos no município de São Benedito do Sul – a escola não legalizada); e, ainda, a predominância de atendimento homogêneo no processo de escolarização ofertado às comunidades quilombolas justificam a aproximação com o campo de investigação.

O acesso à dinâmica específica e diferenciada desta comunidade, através de sua história e cultura permitiu algumas inquietações, entre elas: Por que na constituição escolar de São Benedito do Sul não há uma educação específica e diferenciada voltada ao atendimento da comunidade quilombola dos Timóteos?

A partir do conhecimento acessado, a temática foi tomando forma e conteúdo, levando ao reconhecimento da necessidade de uma formação escolar que atendesse às demandas dos Timóteos, levando-nos a seguinte questão de investigação: como as narrativas de memória quilombola contribuem para a especificidade da educação escolar da mata sul pernambucana?

Para atender à inquietação de investigação, buscamos compreender na narrativa de memórias dos Timóteos a contribuição para a educação escolar descolonizadora da mata sul pernambucana.

E, para responder ao objetivo proposto, buscamos (1) conhecer as memórias quilombolas para a educação escolar descolonizadora e (2) analisar a contribuição das memórias quilombolas para a educação escolar descolonizadora.

Esperamos, em primeiro lugar, que o processo investigativo disponibilizado seja mais uma narrativa sobre a descolonialidade, protagonizada por sujeitos que representam e integram lugares de resistência, aqui representada pela comunidade quilombola dos Timóteos, erguida e orientada pelo pensar e agir da identidade em política.

Educação Escolar Quilombola

A sociedade brasileira, dentre os diferentes povos, é carregada de histórias que trazem sempre um sentimento de autoridade maior entre eles e, desde a colonização, um processo de discriminação e preconceito. Falar dessa colonialidade é estar lidando com as vozes do poder, os que dominavam e menosprezavam os grupos considerados incapazes, inúteis e sem inteligência, tomavam conta do País e administravam como achavam certo. Assim como

Quijano (2005) nos trás que desde o início da América as classes dominadas não eram pagas por serem “raças inferiores” (QUIJANO, 2005, p. 120); trazendo à tona a colonialidade do poder onde além de se apresentar como donos da razão, tinham autoridade sobre as classes dominadas. E os negros, por sua vez, foram alvos escravizados e, para os colonos, símbolo de produção de dinheiro.

Nisto, quem estava sob o comando não tinha voz e nem vez, fazendo com que eles se silenciassem, e lutar por seus direitos se tornava um trabalho quase que impossível. Nesse exercício eles acreditavam que estavam onde mereciam e aceitavam o que era decidido, visto como o melhor para eles, e na verdade estavam enriquecendo os brancos e invisibilizando sua própria história para atender e alimentar o poder da raça branca. Para Quijano (2005)

Esse resultado da história do poder colonial teve duas implicações decisivas. A primeira é óbvia: todos aqueles povos foram despojados de suas próprias e singulares identidades históricas. A segunda é, talvez, menos óbvia, mas não é menos decisiva: sua nova identidade racial, colonial e negativa, implicava o despojo de seu lugar na história da produção cultural da humanidade. (QUIJANO, 2005, p. 127)

Para Quijano (2005) os povos classificados de acordo com suas raças tinham suas culturas de certa forma alterada e sua história desconhecida, sobretudo para eles mesmos, o que acarreta hoje no não reconhecimento como pertencente a determinado grupo social e na inserção dessas histórias no âmbito educacional que prejudica o conhecimento da sociedade sobre as questões étnico-raciais. Lançando o convite para deixar de ser o que não somos e começar a sermos nós mesmos.

Gomes (2012) se alia ao pensar de Quijano (2005) na reafirmação das interculturas, e nos convida a pensar sobre o pensamento descolonial e o desdobramento posto à Nação.

A perpetuação de uma educação universal não se alia ao currículo homogeneizador, dada a especificidade e diferença entre os grupos sociais; iniciativas oficiais que vislumbram esse exercício podem ser exemplificadas com lei nº 10.639 (BRASIL, 2003), de 09 de janeiro de 2003, quando, no Art. 26a, torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

A obrigatoriedade do ensino de história da África e das Culturas Afro-Brasileiras no âmbito da educação escolar revela-se em atitude descolonial, tirando da invisibilidade a história do povo negro.

Todavia, o movimento negro busca emancipar as diferentes raças, respeitando e reconhecendo a cultura do outro no movimento fronteiro de aprender a desaprender, contrariamente à razão imperial/colonial.

Compreendendo que a diversidade é um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral,

[...] a educação é um processo amplo, inesgotável. Desenvolve-se articuladamente com a cultura. No que se refere à educação escolar quilombola, uma referência a ser considerada é a diversidade cultural dos povos que estão situados em quase todos os estados brasileiros. Esses povos possuem e estabelecem relações educativas, éticas, de respeito e trocas entre si e estão organizados nacionalmente. (SILVA, 2014, p. 122)

Silva (2014) ressalta a intercultura e o movimento democrático que contribui para a permanência desses povos no cenário educacional, enquanto fonte inesgotável de conhecimentos culturais na reafirmação política dos direitos étnico-raciais.

Em Silva (2007), a inserção dessas culturas faz com que os sujeitos desfrutem do ensino e se tornem pessoas críticas, políticas, defensoras, emancipadas e protagonistas, disseminando o conhecimento/reconhecimentos dos diferentes povos da história brasileira. A autora afirma que trabalhar a questão étnico-racial “[...] é tratar de identidades, de conhecimentos que se situam em contextos de culturas, de choques e trocas entre jeitos de ser e viver, de relações de poder” (SILVA, 2007, p. 491).

Diante destas ponderações, a diversidade cultural em sala de aula é um exercício de reconstrução, produção de conhecimento, e anuncia um pensamento outro, compreendido por um processo educativo de formação emancipadora.

Em Silva (2012, p. 85) a escola, no geral, “[...] configura-se como espaço institucional e se constitui o palco das diversas interações”, enaltecendo o quão importante é se ter um ensino baseado na realidade dos sujeitos, valorizando suas histórias e ancestralidade.

Compreender a educação escolar quilombola exige reconhecer a pluri-transculturalidade a partir de um movimento de pertença.

Miranda (2015, p. 77) ao definir a educação escolar quilombola relaciona-a a “[...] um movimento em curso consoante ao reconhecimento das próprias comunidades nos instiga a uma aproximação das práticas urdidas por sujeitos historicamente tornados invisíveis, não só para políticas públicas, mas também para as teorias que deles tratam”.

Para Miranda (2015), a educação escolar quilombola possibilita aos sujeitos evidenciar a ancestralidade com ênfase nos direitos garantidos e a luta pelos ideais que perpetuam a história de luta e reafirmação quilombola; na sua territorialidade, crenças, ideologias, culturas e inúmeros aspectos que configuram essa comunidade.

Corroborando com essa ideia, Silva (2012) afirma que a educação escolar quilombola nasce com o pressuposto de ser diferenciada, pois, privilegia os conhecimentos gerais de

interesse dos membros da comunidade e ainda trata em enfatizar que este aprendizado não é aprendido na escola, precisando rever estas práticas. Ainda acrescenta que a educação escolar quilombola qualifica os saberes, que parte da vida da própria comunidade, dos problemas por ela enfrentados.

Sendo assim, aproximar-se da educação escolar quilombola exige reconhecer e valorizar sua ancestralidade através da partilha de conhecimentos que fortalece e emancipa os sujeitos que são símbolos de resistência.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, a Resolução N° 8 de 20 de novembro de 2012 compreende a especificidade de uma escola específica e diferenciada para o atendimento dos integrantes deste território, e alarga ao contemplar, nesta modalidade, todas as etapas da educação básica:

§ 1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica:

I - organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se:

- a) da memória coletiva;
- b) das línguas reminiscentes;
- c) dos marcos civilizatórios;
- d) das práticas culturais;
- e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;
- f) dos acervos e repertórios orais;
- g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;
- h) da territorialidade. (BRASIL, 2012, p. 61)

Em Brasil (2012), a ênfase às diferentes práticas educativas aponta para um saber diferenciado. Seja quando se refere ao fortalecimento das línguas que caracterizam estes povos, seja quando reconhece o acervo de tradições sustentadas num leque de possibilidades que podem ser utilizadas nas práticas educativas.

Dessa maneira, articulando formas que possam trazer a garantia do conhecimento, conforme é defendido pela comunidade quilombola, a educação escolar apresenta-se organizada em etapas que visam construir relações de pertencimento e de identidade, conforme o art. 41, das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica:

Art. 41. A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira.

Parágrafo único. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, bem como nas demais, deve ser reconhecida e valorizada a diversidade cultural. (BRASIL, 2013, p. 74)

O respeito e valorização das diferentes culturas são evidenciados através de características próprias, com intuito de se desenvolver a partir de suas especificidades, vislumbrando e expandindo o conhecimento, como se apresenta no art. 34º da Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012:

O currículo da Educação Escolar Quilombola diz respeito aos modos de organização dos tempos e espaços escolares de suas atividades pedagógicas, das interações do ambiente educacional com a sociedade, das relações de poder presentes no fazer educativo e nas formas de conceber e construir conhecimentos escolares, constituindo parte importante dos processos sociopolíticos e culturais de construção de identidades. (BRASIL, 2012)

Em Brasil (2012), o currículo escolar se materializa a partir dos processos político-culturais, exigindo a participação ativa da comunidade nas práticas educativas que constituem o ser quilombola.

Contudo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola apresentam alguns princípios que caracterizam a educação escolar quilombola, são eles:

- I - Direito à igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade;
- II - Direito à educação pública, gratuita e de qualidade;
- III - Respeito e reconhecimento da história e da cultura afro-brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional;
- IV - Proteção das manifestações da cultura afro-brasileira;
- V - Valorização da diversidade étnico-racial;
- VI - Promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, credo, idade e quaisquer outras formas de discriminação;
- VII - Garantia dos direitos humanos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e do controle social das comunidades quilombolas;
- VIII - Reconhecimento dos quilombolas como povos ou comunidades tradicionais. (BRASIL, 2012, p. 63)

Pensar na educação escolar quilombola é uma tarefa que exige o engajamento das comunidades para, entre outros,

- III - Assegurar que as escolas quilombolas e as escolas que atendem estudantes oriundos dos territórios quilombolas considerem as práticas socioculturais, políticas e econômicas das comunidades quilombolas, bem como os seus processos próprios de ensino aprendizagem e as suas formas de produção e de conhecimento tecnológico;
- VI - Zelar pela garantia do direito à Educação Escolar Quilombola às comunidades quilombolas rurais e urbanas, respeitando a história, o território, a memória, a ancestralidade e os conhecimentos tradicionais;
- VII - Subsidiar a abordagem da temática quilombola em todas as etapas da Educação Básica, pública e privada, compreendida como parte integrante da cultura e do patrimônio afro-brasileiro, cujo conhecimento é imprescindível para a compreensão da história, da cultura e da realidade brasileira. (BRASIL, 2012, p. 62-63)

O acesso a estas dinâmicas de engajamento socioeducativo se propõe ao desencadeamento intrínseco com a história, política, cultura e economia das comunidades quilombolas.

Assim, a educação escolar quilombola, nesta pesquisa, alicerça-se numa compreensão ampliada de escola, enquanto disseminadora de experiências que conta com a resistência dos sujeitos deste território no fortalecimento da intercultura.

O levantamento da produção do conhecimento, na plataforma da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), nas 39ª e 40ª reuniões, ocorrida em 2019 e 2021, consecutivamente, revelaram o acento científico dado à Educação e Relações Étnico-Raciais.

Quadro 1 - Levantamento da produção do conhecimento sobre a educação escolar quilombola no GT 21 da ANPEd - Educação e Relações Étnico-Raciais

39ª Reunião Nacional ANPED (2019)			
Tema	Objetivos	Palavras-chave	Instituição
O que revelam os perfis dos docentes das escolas estaduais quilombolas do Estado de Mato Grosso?	Apresentar os resultados parciais do projeto de pesquisa, em andamento, denominado: Saberes, fazeres e dizeres de docentes atuantes nas cinco escolas estaduais quilombolas do Estado de Mato Grosso, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso	Educação escolar quilombola. Teorias pós-colonialistas. Perfis de docentes.	Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro (UFRJ)
Festa de santo em comunidades quilombolas: encontros possíveis entre conhecimentos da comunidade e da escola	Contribuir com o debate sobre Educação escolar ofertada a estudantes quilombolas em suas próprias comunidades ou em escolas situadas fora dos seus respectivos territórios	Festa de santo, Educação escolar quilombola, Relações raciais.	Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro (UFRJ)
Quilombos urbanos, territórios étnico-raciais e educação	Projetar a formação em serviço de professoras e professores para uma atuação cada vez mais referenciada na Educação Escolar Quilombola e suas diretrizes curriculares, principalmente no que tange às escolas localizadas em territórios de quilombos	Quilombos urbanos, territórios étnico-raciais, educação.	Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro (UFRJ)
Diversidades nas políticas educacionais: narrativas de profissionais-docentes quilombolas	Refletir a partir das narrativas dos profissionais-docentes-quilombolas sobre as políticas educacionais da diversidade com foco na educação escolar quilombola	Docente-quilombola; pesquisa narrativa; políticas educacionais.	Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro (UFRJ)

Educação das relações étnico-raciais: o currículo na escola do/no território quilombola	Analisar as práticas da educação escolar quilombola, a partir do currículo em interface com a realidade sociocultural	Educação Escolar Quilombola. Identidade. Currículo. Práticas educacionais	Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro (UFRJ)
40ª Reunião Nacional ANPED (2021)			
Tema	Objetivos	Palavras-chave	Instituição
INTEGRANDO ESTRADAS E RIOS: Disposições legais da Educação Escolar Quilombola na EMEIF Santo André (Rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba, Pará)	Demonstrar as mudanças ocorridas na Educação Escolar ofertada nesta escola, a partir do reconhecimento da modalidade educacional Educação Escolar Quilombola e com a aprovação do Plano Municipal de Educação	Educação Escolar Quilombola; Plano Municipal de Educação; Escola Santo André.	Universidade Federal do Pará (UFPA)
O quilombismo: novas perspectivas para educação a partir do pensamento de Abdias Nascimento	Investigar dentro da literatura os ideais e propostas que apontam ações para uma educação antirracista, com base na história afro-brasileira e africana, retomando os preceitos quilombistas defendidos pelo autor	Abdias Nascimento; Educação das Relações Étnico-Raciais; Educação.	Universidade Federal do Pará (UFPA)
Mulheres negras quilombolas: um estudo de caso sobre agência feminina na dinâmica da geração familiar, Barrinha, bom Jesus da Lapa-Bahia	Compreender como as mulheres quilombolas de Barrinha, Bom Jesus da Lapa, Bahia, produzem suas relações de gênero, considerando mudanças e permanências nas gerações familiares	Quilombo. Gênero. Raça. Geração Familiar. Territorialidade.	Universidade Federal do Pará (UFPA)
Identidade quilombola e relações territoriais	Compreender a construção da identidade quilombola a partir dos processos históricos, políticos e sociais, articulados às características territoriais	Quilombos. Identidade Quilombola. Territorialidade.	Universidade Federal do Pará (UFPA)
Etnosaberes: Perspectivas e desafios para formação de professores atuantes em Educação Escolar Quilombola	Levantar, registrar e sistematizar os etnosaberes que perpassam as comunidades quilombolas nas quais as referidas escolas estão inseridas	Educação. Quilombo. Etnosaberes.	Universidade Federal do Pará (UFPA)
Educação escolar quilombola: política da/na encruzilhada	Discorrer sobre as narrativas políticas construídas em torno da proposição de uma modalidade dentro da educação básica e os dilemas acerca da relação: escola-território	Educação Escolar Quilombola – Território – Políticas Educacionais – Encruzilhada.	Universidade Federal do Pará (UFPA)
Educação das relações étnico-raciais e repertórios culturais da infância quilombola	Analisar o modo como o currículo e as práticas pedagógicas da Educação Infantil dialogam com as culturas da infância em um contexto de uma comunidade quilombola	Educação Infantil. Educação das Relações Étnico-Raciais. Culturas da Infância Quilombola.	Universidade Federal do Pará (UFPA)
Educação escolar quilombola: caminhos da produção acadêmica no campo da educação	Produzir e socializar conhecimentos que não sejam úteis apenas para a coletividade diretamente envolvida na pesquisa, mas que possibilitem um certo grau de generalização	Educação Escolar Quilombola. Produção Acadêmica. Saberes Emancipatórios. Associações de Pesquisa. Educação.	Universidade Federal do Pará (UFPA)

Análise da implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola no Estado do Rio de Janeiro	Analisar o processo de implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNEEQ) no Estado do Rio de Janeiro; mapear as escolas inseridas nas Comunidades Quilombolas do Estado, para saber se estas escolas têm como proposta a inserção das DCNEEQ em seus currículos, nos Projetos Políticos Pedagógicos, em suas práticas pedagógicas.	Educação; Quilombo; Escola; Diretrizes Curriculares.	Universidade Federal do Pará (UFPA)
---	--	--	-------------------------------------

Fonte: ANPEd, disponível em: <<https://www.anped.org.br/reunioes-cientificas/nacional>>, acesso no dia 05 de mar. de 2023.

No quadro, a produção do GT 21, no biênio 2019-2021 foi composta por 74 artigos, onde 14 atenderam à temática de investigação, sendo cinco da 39ª e nove da 40ª reunião. A produção ficou concentrada nas regiões Sudeste e Norte embora o campo empírico da investigação tenha sido ampliado para demais regiões brasileiras.

As investigações se voltaram para análise documental das pesquisas no âmbito da pós-graduação, implementação de legislação, projetos político-pedagógicos e currículo voltados para a educação escolar quilombola. Além de festejos locais, formação continuada específica, prática pedagógica na educação infantil quilombola, narrativas políticas, identidade quilombola, entre outras.

Apesar da presença temática na produção do conhecimento, apenas um trabalho se voltou para as narrativas quilombolas sobre as políticas educacionais da diversidade com foco na educação escolar quilombola, fazendo-nos afirmar o quanto a temática revela-se como campo de disputa política e histórica.

Essa discussão remota à colonização da história dos sujeitos de direitos numa sociedade portadora de conhecimentos alicerçados no racismo estrutural e estruturante. E, como afirma Félix (2020) “[...] a palavra humaniza e, ao reconhecer que o seu silenciamento é vetor de uma política de apaziguamento/desumanização, trilhar o caminho que rememora os sons ocultos pelo silêncio é ratificar a pujança para liberdade que toca a palavra memorada” (p. 159-160).

Narrativas (auto)biográficas: memórias descolonizadoras

No decorrer da vida, falar do passado se tornou um hábito e pensar no futuro é indispensável, visto isso, dentro do campo de pesquisa não é diferente. Ao trazer as narrativas (auto)biográficas para reflexão nos conectamos com histórias rememoradas que desvelam “[...] o movimento recursivo de reflexão e autorreflexão, bem como o processo de partilhar a

trajetória de formação e experiência vivida em diferentes etapas de sua ressignificação” (SILVA; NAZARENO; PORTA, 2022, p. 112).

Outrossim, pensar nas narrativas (auto)biográficas é fazer uma retomada das circunstâncias, é refletir sobre determinados episódios e assim pensar sobre quem realmente somos e poder ressignificar valores e o sentimento de pertencimento. Assim como nesta pesquisa, que buscou compreender através da narrativa (auto)biográfica da comunidade dos Timóteos a contribuição disponibilizada para a especificidade da educação escolar quilombola da mata sul pernambucana. Se atrelando a outros instrumentos, a narrativa (auto)biográfica pode acontecer de maneira natural, sem muitas regras ou papéis impressos, tornando esse ponto essencial para que se adeque a todas as faixas etárias dos contribuintes deste estudo.

O uso de narrativas autobiográficas como fonte de investigação e método de pesquisa assenta-se no pressuposto do reconhecimento da legitimidade da criança, do adolescente, do adulto, enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar sua própria história e de refletir sobre ela. (PASSEGGI; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2016, p. 114)

Conforme a utilização deste instrumento, dar a oportunidade do outro se expressar é uma característica muito importante, pois a partir de então, o alvo escolhido estará livre para relatar as suas vivências, podendo refletir sobre elas e traçar fatos que tiveram significado durante determinada trajetória. As narrativas (auto)biográficas

[...] passam a se constituir como marco conversacional da entrevista, do trabalho de campo e da documentação, oferecendo fontes, instrumentos e análise compreensiva e interpretativa da vida cotidiana nas instituições formativas e educativas, nos movimentos e organizações sociais e nas relações de afeto entre o eu e o outro. (SILVA; NAZARENO; PORTA, 2022, p. 112)

Tratando de informações que são buscadas via internet, que sobre esta determinada comunidade se tornou escassa, se fez necessário a inclusão da narrativa em questão, para que se tivessem caminhos de bom acesso, que nada mais seria ouvir os próprios integrantes sem intervenção direta em suas respostas. E, muito menos, utilizar termos que não fazem parte do cotidiano desses cidadãos, que na maioria das vezes não tiveram acesso à educação. Ouvir a história do outro nos cativa de maneira ardente e este é o papel das narrativas (auto)biográficas, pois os sujeitos irão descrever histórias vividas que serão indispensáveis para a construção e levantamento de demandas que responderão a questão problema deste trabalho.

Qualificando estes agrupamentos conforme determinada temática a partir de conversas descontraídas para que os sujeitos contribuintes dessa pesquisa se sintam à vontade e possam

dizer o que realmente aconteceu, e também levantar receios que ainda se tornam existentes dentro da comunidade. Sendo assim,

A autobiografia corresponde a pesquisa voltada para a autorreflexão, que possibilita ao pesquisador-pesquisado um movimento de reflexão das imbricações de suas narrativas, permitindo a inserção de novas temáticas e sujeitos na construção do conhecimento. (SILVA; SANTOS, 2022, p. 118)

O movimento de considerar as narrativas (auto)biográficas no campo de pesquisa permite o compartilhar de histórias silenciadas, fazendo refletir sobre o lugar dos sujeitos no mundo.

A narrativa (auto)biográfica pode ser utilizada de maneira oral e escrita, trazendo a originalidade dos contribuintes, mediante os fatos pesquisados indispensáveis para coleta de dados. E através deste método os sujeitos podem compartilhar suas emoções, contribuindo para com a construção de histórias oriundas de uma comunidade.

O debruçar dos sujeitos para as narrativas permite o entrelaçamento de experiências advindas de interações e trocas entre os participantes.

Caminho teórico-metodológico

A pesquisa qualitativa vem com intuito de estudar o campo empírico, utilizando-se, neste estudo, do enfoque do estudo de caso à luz da narrativa (auto)biográfica.

A narrativa de memória, através da entrevista, foi a chave para adentrar a memória quilombola e, assim, revelar a contribuição disponibilizada da educação escolar descolonizadora. Dessa maneira,

[...] passam a se constituir como marco conversacional da entrevista, do trabalho de campo e da documentação, oferecendo fontes, instrumentos e análise compreensiva e interpretativa da vida cotidiana nas instituições formativas e educativas, nos movimentos e organizações sociais e nas relações de afeto entre o eu e o outro. (SILVA; NAZARENO; PORTA, 2022, p. 112)

O caráter qualitativo da pesquisa, segundo Minayo (2007) busca responder a questões muito particulares, trabalhando com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

O cumprimento curricular da eletiva Educação do Campo³ levou a criação de uma produção audiovisual, fazendo despertar a amplitude do conhecimento sobre a comunidade local e, especificamente, a educação quilombola dos Timóteos, tendo a primeira aproximação com a temática e com o campo empírico ocorreu na disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica⁴.

Sobre a interiorização, Lage (2022) apresenta os impactos e evidências epistemológicas e sociais da interiorização da UFPE⁵ evidenciando o legado da gestão do governo Luiz Inácio Lula da Silva sobre a política de interiorização das universidades federais no mandato 2003 – 2010.

A consolidação desta política oportunizou a disseminação da oferta do ensino superior, possibilitando o ingresso na universidade àqueles/as que estavam afastados dos centros urbanos.

A ampliação desta oferta possibilitou o ingresso no Centro Acadêmico do Agreste (CAA), através do curso de licenciatura em Pedagogia, e trouxe “[...] a força da interiorização na produção do conhecimento e na formação de pessoal de alto nível [...]” (LAGE, 2022, p.19).

Este feito reforça a importância da educação da diferença, tornando possível o projeto descolonizador, quando a comunidade quilombola dos Timóteos passa a ter assento e voz nesse processo de pertencimento e garantia de direitos.

A atividade de produção do audiovisual levou-nos até a Secretaria de Educação do município de São Benedito do Sul, sendo determinante na escolha da temática de investigação desta pesquisa, quando revelada a não especificidade do trabalho pedagógico para a comunidade quilombola.

A educação no município contempla 20 escolas, distribuídas nas áreas urbana e rural. Em 2019, ocasião de visita às escolas, foi notória a ausência de escolas específicas para o atendimento dos saberes quilombolas, invisibilizando a história de uma comunidade que se reafirma pela organização econômica e social. Essa evidência nos trouxe várias interrogações, fazendo ecoar os motivos que levam a essa omissão, diante da legislação promulgada e a presença quilombola para além da divisão político-administrativa do município.

² Componente curricular de 45h/a, ministrado pela Profa. Jaqueline Barbosa da Silva, objetivando compreender a Educação do Campo na trajetória sócio-histórica, buscando aprofundar a reflexão e aproximação dos graduandos com as políticas, saberes e experiências no contexto da Educação do Campo.

⁴ Componente curricular obrigatório, com carga horária de 60h/a, ministrado pela Profa. Allene Carvalho Lage, voltado ao estudo das principais abordagens e perspectivas analíticas sobre movimentos sociais em articulação com os processos educativos nos diversos *lôcus* sociais.

⁵ Ver: Impactos e evidências epistemológicas e sociais da interiorização da UFPE: a trajetória do campus agreste no interior de Pernambuco, publicado na Revista Debates Insubmissos, nº 19, set./dez. 2022.

Esse lastro de invisibilidade aponta para a revisitação do currículo adotado pelas escolas e, conseqüentemente, os projetos políticos pedagógicos visando a inclusão e valorização quilombolas e, especificamente, da comunidade dos Timóteos, nos saberes escolares.

Assim, aproximamo-nos da zona rural das cidades de São Benedito do Sul-PE e São Bento do Una, buscando nas narrativas (auto)biográficas o alicerce para uma educação escolar específica e diferenciada.

Embora a produção audiovisual tenha contemplado as comunidades do Sítio Serrote do Gado Brado, em São Bento do Una/PE, e Timóteos, em São Benedito do Sul/PE, com reflexões acerca da ancestralidade, identidade cultural e política, para a continuidade da pesquisa aproximamo-nos da comunidade quilombola dos Timóteos, utilizando a entrevista narrativa para compreender as práticas educativas e seus desdobramentos para a educação escolar quilombola.

O primeiro instrumento de produção de dados foi representado pelo audiovisual *A dívida nunca foi paga*, produzido e lançado em 2021, em meio à pandemia da Covid-19⁶. De acordo com Panella (2018) o audiovisual “cria essa possibilidade de releitura de mundo” (PANELLA, 2018, p. 148-149).

O audiovisual, *A dívida nunca foi paga*⁷, com duração de 8 minutos e 52 segundos, contou com a participação de quatro quilombolas, pertencentes às comunidades dos Timóteos e Sítio Serrote do Gado Brabo, e atendeu a um roteiro dividido em três etapas. A primeira, voltada para a representação cultural, com dança do coco de roda⁸. A segunda, constituída pela identidade do povo negro e das políticas lançadas pelo governo central na primeira gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006), foi constituída pelas narrativas quilombolas do Serrote do Gado Brabo e dos Timóteos. E, por fim, apresenta-se a resistência do ser quilombola e sua ancestralidade, através de Beleza Rosa, integrante da comunidade de Serrote do Gado Brabo, e Sara Flor, quilombola da comunidade dos Timóteos.

Definido o campo empírico da investigação, a comunidade quilombola dos Timóteos, pela relação de pertencimento, enquanto natural de São Benedito de Sul, contamos com a colaboração de um de seus representantes, o qual denominaremos de Vieira, para manter sua identidade preservada. O mesmo foi indicado pelo conjunto das 47 famílias moradoras da

⁶ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.

⁷ Disponível em: <<https://youtu.be/7ujgPHIXN0s>>.

⁸ Dança tradicional do Nordeste, o coco de roda tem sua origem na união da cultura negra com os povos indígenas no Brasil. Apesar de frequente no litoral, acredita-se que o coco surgiu no interior, provavelmente nos quilombos, a partir do ritmo originado da quebra dos cocos para a retirada da amêndoa, com sua dança e tradição musical cantada, tornou-se um modo privilegiado de transmissão e manutenção do conhecimento e da tradição popular.

comunidade por assumir uma dupla função, enquanto quilombola da comunidade dos Timóteos e prestador de serviço pela prefeitura de São Benedito do Sul, como guia turístico.

A cidade de São Benedito do Sul está localizada na zona da mata sul pernambucana, com a estimativa de aproximadamente 16.239 habitantes segundo o IBGE (2021), conhecida como cidade das águas, terra das cachoeiras por suas lindas belezas naturais, não apresentando muitas opções de trabalho para a população, sendo muitas vezes comerciantes autônomos ou com o trabalho rural e na maioria das vezes os moradores deixam sua terra natal para ir em busca de uma melhor qualidade de vida. Além dessas atrações, a cidade tem uma comunidade quilombola que por muitos anos foi invisibilizada deixando de vislumbrar a riqueza cultural que a mesma tem, sendo um desperdício de conhecimento para os cidadãos que crescem sem conhecer a sua própria história.

De posse da narrativa de Vieira, utilizamos a análise de conteúdo para compreender a contribuição dada à educação escolar quilombola, uma vez que “[...] a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça” (BARDIN, 2016, p. 44).

Logo, o uso da análise de conteúdo, neste estudo de caso, justifica-se pela ênfase da contextualização, sem esquecer da representatividade, por envolver um estudo em profundidade e exaustivo com poucos objetos para permitir o amplo e detalhado conhecimento. Também possibilitou compreender a trajetória histórica da comunidade em pauta e avançar para a colaboração deixada para a educação escolar descolonizadora.

O uso da entrevista narrativa foi indispensável ao acesso das informações, atendendo uma dupla função na produção de dados, enquanto técnica específica de produção e compreensão epistemológica.

A narrativa (auto)biográfica será a chave para adentrar na história dos Timóteos e assim acessarmos os sentimentos e pensamentos expressos sobre a intercultura. Dessa maneira,

[...] passam a se constituir como marco conversacional da entrevista, do trabalho de campo e da documentação, oferecendo fontes, instrumentos e análise compreensiva e interpretativa da vida cotidiana nas instituições formativas e educativas, nos movimentos e organizações sociais e nas relações de afeto entre o eu e o outro. (SILVA; NAZARENO; PORTA, 2022, p. 112)

Silva, Nazareno e Porta (2022) corroboram com Minayo (2007), enfatizando que a abordagem qualitativa atente a uma pluralidade metodológica para responder a questões muito particulares, contemplando o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

Identidade em política: a ancestralidade do povo negro e a contribuição para a educação escolar quilombola

O exercício de emancipação é uma constante para a população colonizada, revelando-se colaboradora na construção identitária voltada para valorização dos princípios da cultura quilombola e a história de lutas políticas e epistemológicas.

Nessa linha de pensamento, Mignolo (2008, p. 290) afirma que “[...] a identidade em política, em suma, é a única maneira de pensar descolonialmente (o que significa pensar politicamente em termos e projetos de descolonização)”.

As contribuições (auto)biográficas que os Timóteos podem oferecer para a mata sul pernambucana somam-se ao fazer educativo no âmbito escolar, pois a comunidade quilombola, em destaque nesta pesquisa, apresentou um discurso de conhecimento que fará com que o corpo social se construa nas riquezas culturais e históricas.

A comunidade quilombola dos Timóteos é representada pela força e perseverança frente aos preconceitos e discriminações que alimentam o sentimento de negação e deslocamento enquanto ser quilombola.

As narrativas disponibilizadas no diálogo colaborativo permitiram acessar a identidade quilombola enquanto marco da universalização racial e autorreconhecimento.

A reflexão de si e a tarefa de respeito ao trajeto formativo-vivido, levaram-nos a revelar que produção audiovisual suscita numa aposta contrária aos fundamentos de conceitos universais advindos da identidade dominante. “Digamos que as portas foram escancaradas... não tinha como mais se negar, por ter se tornado público... a sociedade começou a ter um cuidado sobre discriminar e discriminação é crime!” (VIEIRA, 15 de março de 2021).

A atitude descolonial revela a urgência por uma tomada de decisão,

Antes da pandemia muitas escolas visitavam o quilombo dos Timóteos, vimos que a própria cidade não fazia essa visitação, não acordavam para conhecer. Aonde nessas visitas os turistas chegavam e eram direcionados para o quilombo, com danças estando caracterizadas, oficinas gastronômicas e degustação e em seguida iam para as cachoeiras na parte da tarde. (VIEIRA, 15 de março de 2021)

Trazendo sempre o preconceito à tona as pessoas da cidade levavam o grupo quilombola sempre por caminhos de brincadeiras de mau gosto: “pra quê que eu vou fazer isso se eu vou me machucar mais?” (VIEIRA, 15 de março de 2021). Essas atitudes motivavam o afastamento do revelar ser quilombola, tornando escasso seu aparecimento nas escolas como avivador de

cultura e guardião de histórias importantíssimas na vida dos cidadãos são-beneditenses, e moradores da mata sul pernambucana.

Nessa tomada de atitude se dá a quebra epistêmica descolonial:

Começou a ter apresentações nas ruas com a dança e apresentações nas escolas [...] levando as crianças dos Timóteos para a cidade por ser poucos, mas depois de se reconhecer voltaram para o quilombo com a finalidade quilombola com professores que não eram de origem quilombola. Com matérias que mudam da grade comum, comemorando a semana do quilombo. Com visitas de agências (turistas) fizeram vídeos de incentivo para que a sociedade em geral possa conhecer o Timóteo. (VIEIRA, 15 de março de 2021)

Narrar o ser quilombola é uma tarefa que permeou toda a trajetória histórica da comunidade: “Os Timóteos não são reconhecidos pela fundação palmares, mas com certeza é um quilombo, comunidade toda negra” (VIEIRA, 15 de março de 2021).

As práticas educativas revelam o sentimento de pertença, encarnado nos costumes, dança e a diferentes formas de viver como coletivo.

Em Silva (2014) os povos quilombolas têm uma relação de respeito mútuo entre si, estabelecendo práticas educativas que tem um arcabouço muito importante na construção de cidadãos conhecedores de sua cultura e para a sociedade em sua volta, voltando-se para o exercício de valorização cultural e costumes no âmbito da educação escolar. A dança e a gastronomia são os destaques citados pelos/as colaboradores/as. Ampliando a perspectiva de prática educativa diferenciada, Miranda (2015, p. 77) nos diz que

[...] interrogar as características da especificidade da educação escolar quilombola requer considerar a inserção da escola na dinâmica do território e as formas como as Comunidades se mobilizam para a garantia do direito à educação, as estratégias e articulações construídas.

Fortalecendo a importância de trabalhar a própria história no exercício de garantir e adequação no que diz respeito ao acesso às especificidades históricas que irão subsidiar o público envolvido.

Sempre foi passada a história de família para família na comunidade. Os líderes se reuniam para falar sobre o aceitamento com ser quilombo, numa conversa informal. A professora trabalha incentivando os estudantes sobre as histórias, tentando convencer que são quilombos. Os mais velhos foram mais difíceis de aceitar para incorporar a cultura, com danças e gastronomias. Com o grupo Clarão de luz dançando a dança de coco de roda. Levando outros quilombolas para apresentarem suas danças como incentivo de reconhecimento. Sendo as práticas educativas as danças, a agricultura e oficinas gastronômicas. (VIEIRA, 15 de março de 2021)

Assim, mesmo não tendo uma escola necessariamente em prol dos fins quilombolas, a comunidade dos Timóteos busca não perder a essência de que dias melhores virão e dessa maneira com histórias contadas, uma comida característica dessa cultura, poderão fortalecer o vínculo com a própria cultura. Levando também o coco de roda para as salas de aula e, nesse exercício de compartilhamento, atenda não somente o segundo objetivo específico que busca analisar a contribuição disponibilizada pela comunidade dos Timóteos para a especificidade da educação escolar quilombola.

A própria professora faz isso de contar histórias sobre a história dos quilombos, que também eram passadas de geração pra geração, contando o que passaram o que sofreram e atualmente contam para os turistas. Sendo os próprios moradores os educadores da educação quilombola na comunidade dos Timóteos quando de alguma forma repassam costumes e histórias, tendo a participação de moradores de São Benedito do Sul como professores que não eram quilombolas. (VIEIRA, 15 de março de 2021)

Esse processo de aprendizagem mencionado acima é uma forma de garantir a existência da comunidade na mata sul pernambucana, fazendo assim um exercício de comunicação, num entrelaçamento de histórias (SILVA; SANTOS, 2022). Com isso, desenvolvendo um movimento de reflexão e autorreflexão acerca de suas histórias e vivências, não deixando de lado o acervo cultural que é de extrema importância para a permanência dos Timóteos enquanto quilombo. Sabendo que esses métodos educativos, além de fortalecer os laços com a escola, irão contribuir na quebra de conceitos formados pela sociedade e compreender que o grande incentivo partir do turismo que

É o ponto chave para o reconhecimento do quilombo enquanto ser quilombola e assim contribuir na parte econômica do município. Se sentindo importantes por estarem sendo visitados por várias pessoas e tendo Dona Glória e o grupo Clarão de Luz como patrimônio vivo. Vendo então a necessidade de se trabalhar a valorização da história local e assim não sejam os responsáveis pelo descaso cultural e a perda de traços históricos e significativos na produção de conhecimento. (VIEIRA, 15 de março de 2021)

É nesse sentido que a comunidade retratada vinha intensificando seus laços com a própria sociedade, compreendendo que esse processo de se reconhecer e ser reconhecido é um fator necessário para que os sujeitos não percam a vontade de ser quem eles realmente são (QUIJANO, 2005). Trazendo além de experiências essenciais principalmente na vida dos quilombolas melhorias para a cidade na qual estão situados, financeiramente falando, atraindo turistas e assim permitindo que outras pessoas tenham acesso à história da comunidade quilombola dos Timóteos.

Convém salientar que a comunidade dentro desse processo de ser ou não ser, trouxe várias reflexões que contribuíram para aceitação da comunidade e, nessa via de (re)conhecimento, foi possível despertar o desejo de enxergar quem realmente são os Timóteos:

Hoje os Timóteos não têm problema em se reconhecer como quilombo, mas antes por ter muito preconceito eles se escondiam e a negação de se aceitar fazia com que eles se tornassem invisíveis. E hoje os integrantes dos Timóteos não querem ser mais esquecidos. (VIEIRA, 15 de março de 2021)

Contudo, os resultados revelaram a importância de se conhecer e aceitar quem somos e como somos, sabendo que não é uma tarefa fácil. A comunidade quilombola dos Timóteos, na região fronteira, entre narrador e ouvinte, contribui e deflagra a construção racial e imperial da identidade no mundo moderno de economia capitalista.

A elucidação narrada por Vieira (2021), representante da comunidade quilombola dos Timóteos, problematizando a memória coletiva, as práticas comportamentais que definem a etnicidade, culminam o viver identitário em política, convidando à valorização das lutas vivenciadas com ritos e organização coletivas ampliadas para a mata sul pernambucana.

Vale salientar, ainda, que as contribuições dos Timóteos para a educação escolar quilombola vão além do que foi vivido, pois assim como a dança do coco de roda, a gastronomia e as histórias narradas revelam a resistência de um grupo social no âmbito da mata sul pernambucana, resistindo às discriminações através do processo identitário baseado em ideais que evidenciam o compartilhar de histórias educativas e sociais com ênfase no processo de valorização da diversidade.

A história é um direito elementar à dignidade humana, a negação do mesmo condena um coletivo, uma cultura, as identidades. Enquanto caminho reflexivo, as memórias compartilhadas passam a auxiliar posturas críticas e desmantelam o pensar colonizador, trazendo à tona a atitude descolonial.

Considerações finais

A pesquisa revelou o quanto as narrativas autobiográficas podem facilitar a comunicação entre ouvinte-colaboradora, num desfecho de histórias que são relevantes para a história de uma nação, revela-se, entre outros, na colaboração deixada pela luta da comunidade a educação escolar quilombola da mata sul pernambucana.

A ancestralidade e a descolonização na relação social urgem pelo reconhecimento público, enquanto política educacional específica e diferenciada no atendimento da comunidade. Surpreendentemente, o turismo da cidade é revelador da identidade sociocultural e tira da invisibilidade a comunidade quilombola, passando a ser símbolo de resistência territorial.

Neste desdobramento, é perceptível a vontade de não serem esquecidos após experimentar o quão bom é se reconhecer enquanto detentores de saber no legado histórico de uma nação.

O saber ancestral somou-se à identidade em política e a atitude descolonial revelando que palavra é vida, e contar histórias, lembrar o vivido, recompor imagens, feições e reações garantem a vida.

Desses saberes acessados ficaram algumas inquietações para desdobrarem-se em novas investigações: como a experiência narrativa quilombista contribui para a reafirmação identitária descolonizadora?

Concluimos, inconclusamente, destacando que o tornar visível e (re)conhecer o fazer educativo das comunidades quilombolas revela um processo de desconstrução colonial, tornando o fazer junto e em diálogo um exercício de respeito às diferenças.

Referências

BARBOSA, Lúcia Falcão; SILVA, Jaqueline Barbosa da. Narrativas de Formação e Processos Autoreflexivos Nas Práticas Educativas Do Povo Xukuru. **Revista Educare**, João Pessoa/PB, v. 2, n.2, jul./dez. 2018. pp. 238-254.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Lei No 10.639**, de 9 de janeiro de 2003, História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 de jan.de 2003.

_____. **Resolução N° 8**, de 20 de novembro de 2012. Brasília, 2012.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola na educação Básica**. Brasília, 2012.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, n°. 9.394, Brasília, 20 de dezembro de 1996.

_____. Conselho Nacional de Educação, **Resolução n. 4**, de 13 de julho de 2010.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**, Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

FÉLIX, R. Da voz à letra: oralidade, ancestralidade e resistência. **Volta miúda**: quilombo, memória e emancipação [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2020, pp. 147-162. ISBN: 978-65-86213-14-0. <https://doi.org/10.7476/9786586213317.0007>.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, Jan/Abr 2012. pp. 98-109.

KLEINE, Martha Regina Egéa. Narrativa: Em busca de um caminho para a partilha de histórias. VIII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica, **Anais VIII CIPA – ISSN 2178-0676, UNICID – São Paulo – 17 a 20 de setembro de 2018**.

LAGE, Allene. Impactos e evidências epistemológicas e sociais da interiorização da UFPE: a trajetória do campus agreste no interior de Pernambuco. **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, PE. Brasil, Ano 5, v.5, nº 19, set./dez. 2022.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF, Dossiê: **Literatura, língua e identidade**, No 34, 2008. p. 287-324.

MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MIRANDA, Shirley Aparecida de. Dilemas do reconhecimento: a escola quilombola “que vi de perto”. **Revista da ABPN**, v. 08, n. 18, 2015. Pp. 68–89.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na Escola**. Ministério da Educação, Secretaria da Educação e Diversidade, 2ª edição, 2005.

OLIVEIRA, Italo José Alves de; SILVA, Islane Maria Santos da; SILVA, Tainara Cleciane da. **A dívida nunca foi paga**. YouTube, 29 de abril de 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/7ujgPHIXN0s>>, acesso em 14 de fev. 2023.

PANELLA, Maurício de Camargo Teixeira. Tuku wan mi naku? Proyecto de Difusión del Patrimonio en Video y T.V. Universidade Veracruzana Intercultural. **Revista Interritórios**, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil, 2018.

PASSEGGI, Maria da Conceição; NASCIMENTO, Gilcilene; OLIVEIRA, Roberta Antunes. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa/Portugal, n. 33, pp. 111-125, 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34949131009>>, acesso em 10 nov. 2020.

PERNAMBUCO. Certificação expedidas às comunidades remanescentes de quilombo (CRQs), **Fundação Cultural de Palmares**, Pernambuco – Brasil, DOU de 30/06/2022. Disponível em <<https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2015/07/quadro-geral-por-estados-e-regioes-22-08-2022.pdf>>, acesso em 15 de jul. de 2022.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Colección Sur Sur, **CLACSO**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. p. 227-278.

SILVA, Delma Josefa da. A Emergência da Educação Escolar Quilombola no contexto das Relações Étnico-Raciais no Brasil. **Tópicos Educacionais**, Recife, v.20, n.1, jan/jun. 2014.

SILVA, Jaqueline Barbosa da; NAZARENO, Elias; PORTA, Luis Gabriel. Apresentação do dossiê – alcances autoformativos da pesquisa (auto)biográfica para a educação. **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, PE. Brasil, ano 5, v. 5, nº 18, mai./ago. 2022.

SILVA, Jaqueline Barbosa da. SANTOS, Samanta Gabriely Alves dos. Pesquisa (auto)biográfica e narrativas formativas: itinerários descolonizadores. **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, PE. Brasil, Ano 5, v. 5, nº 18, mai./ago. 2022.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

SILVA, Raimundo Paulino da. A escola enquanto espaço de construção do conhecimento. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 139 – Dezembro de 2012.

SOARES, Edimara Gonçalves. **Educação Escolar Quilombola: quando a diferença é indiferente**. 2012. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.



Campus
AGRESTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO NÚCLEO DE
FORMAÇÃO DOCENTE DO CAMPUS DO AGRESTE

FOLHA DE APROVAÇÃO DO TCC

TAINARA CLECIANE DA SILVA

**NARRATIVAS DE MEMÓRIA SOBRE EDUCAÇÃO ESCOLAR E
DESCOLONIALIDADE NA MATA SUL PERNAMBUCANA: o caso da comunidade
quilombola dos Timóteos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Campus do Agreste, Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Caruaru, 04 de maio de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a. Jaqueline Barbosa da Silva
NFD/CAA – UFPE
(Orientadora)

Prof. Dr. Maurício de Camargo Teixeira Panella
Universidad de Granada - Espanha
(Examinador externo)

Prof.^a Dr.^a. Allene Carvalho Lage
NFD/CAA – UFPE
(Examinador interno)